
O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

*Damáris Naim Marquez**

Até poucos anos atrás os cursos oferecidos nas Faculdades de Letras traziam programas de língua portuguesa distanciados de nossa realidade lingüística. Assim, a formação dos futuros profissionais restringia-se a conhecimentos histórico-filosóficos, centrados na Filologia Portuguesa ou Literatura, quando não enfatizava a gramática normativa.

Com a introdução das disciplinas de lingüística nos currículos das Faculdades de Letras, em 1964, houve uma nova tomada de consciência da realidade lingüística brasileira. Paulatinamente as Universidades iniciaram um estudo descritivo da língua e o uso de expressões pertencentes a variantes da língua socialmente desprestigiadas ou mesmo formas até então concebidas como não cultas foram aceitas. Os livros didáticos também passaram por reformulações: a linguagem coloquial, os problemas relacionados às funções da linguagem, as especificidades da língua escrita opondo-se à língua falada foram introduzidas nos livros escolares. Além disso, as competências do falante de português passaram a ser observadas e analisadas, o que ocasionou a formulação de novas estratégias de ensino.

A partir da nova concepção de língua, o ensino se revestiu de novo enfoque: tornou-se mais amplo, possibilitando, através da observação, a compreensão das reais condições lingüísticas da população escolar brasileira, pois já não era mais possível "ensinar a língua sem o apoio da Lingüística, em seus vários aspectos (semântico, morfosintático, fonético e fonológico), bem como sem o amparo de disciplinas tais como: psicolingüística,

sociolingüística, semântica e teoria da comunicação" (ROCCO, 1984: 24).

Neste contexto, a escola de 1º e 2º graus, como entidade responsável pela formação inicial do indivíduo para a sociedade, manteve o seu papel de preservar a unidade lingüística. Através do padrão lingüístico, ela continuou a exigir que o falante apresentasse um desempenho que refletisse este padrão considerado como modelar.

No entanto, a alta incidência de repetência e evasão nestas escolas vem demonstrando que existem falhas no ensino da língua. Na tentativa de explicar este fato, alguns autores discutem o conceito de "deficiência lingüística". A primeira explicação centra-se na ideologia do dom. Segundo esta teoria, a causa do insucesso ou sucesso das crianças depende do dom - aptidão, inteligência e talento de cada uma - desresponsabilizando a escola pelo fracasso do aluno. A segunda teoria, da deficiência cultural, tem como suporte as desigualdades sociais, únicas responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos. Segundo os que advogam esta teoria, o responsável pelo fracasso escolar é o próprio aluno. A terceira, a ideologia das diferenças culturais, considera as classes dominadas como "subcultura".

Uma outra abordagem, proposta como explicação para o fracasso escolar, diz que o cerne do problema não se encontra na aprendizagem da língua, mas na organização da escola, das salas e no próprio relacionamento professor x aluno. Esta teoria, defendida por Ray McDermott e Sheyla Goldman, coloca a

escola, enquanto instituição, como o centro do problema. Para eles, o professor deve batalhar para que o contexto social da sala de aula seja arranjado de forma a favorecer a aprendizagem.

Ideologias como estas estão presentes em nossas escolas. Mas em que os conhecimentos lingüísticos podem auxiliar o professor de Português? Acreditamos que muito pouco, pois o centro da questão está no distanciamento da linguagem das crianças pertencentes aos grupos social e economicamente privilegiados e das crianças pertencentes às camadas desfavorecidas, além da própria atitude dos professores e da escola, que se deixam manipular. A não ser que a "...escola defina o que ela pode fazer diante da diferença existente entre a linguagem dos alunos provenientes das camadas populares e a linguagem que serve de instrumento desta mesma escola, que é a linguagem das classes dominantes" (SOARES, 1986: 69).

Além disso, enquanto tivermos educadores que acreditam que a escola pode desempenhar o papel de "libertar" o aluno de sua marginalidade lingüística, através de programas de educação compensatória ou de uma metodologia em que no processo ensino/aprendizagem o aluno seja corrigido e o obrigam a substituir a sua linguagem pela chamada linguagem correta, em nada a Lingüística poderá auxiliar. Entretanto, se, pelo contrário, aceitarem que não existe superioridade de uma língua sobre a outra, que o afastamento geográfico leva a variedades regionais e desencadeia um processo de diferenciação lingüística (pode ocorrer nos níveis fonológico, léxico e gramatical), que existe oposição entre língua urbana-língua rural, que há dialetos sociais de grupos caracterizados pela idade, sexo, raça, classe social, etc., e que existem níveis de fala ou registros - uso da língua em diferentes circunstâncias ou contextos (registros formal/

informal) - a Lingüística em muito auxiliará o professor.

E quem melhor do que um profissional do ensino dotado destes conhecimentos para transformar esta realidade deprimente no ensino brasileiro? Para tanto, inicialmente, ele deverá despir-se de todo e qualquer preconceito. E mais, "precisa estar convencido de que a língua utilizada pelo grupo escolar merece respeito, pois, se não souber respeitar a linguagem do educando, certamente não o respeitará. Além disso, muito provavelmente lhe faltará uma estrutura afetiva, indispensável ao desempenho do seu trabalho" (LEMLE, 1984: 80).

Assim, é indispensável que, em primeiro lugar, o professor adote uma prática pedagógica que ignore as determinações ideológicas impostas pelos grupos sociais dominantes. Se antes julgava a linguagem do aluno errada, pobre, sem prestígio; se desconhecia as variedades lingüísticas; se censurava e tentava substituir o dialeto que o aluno domina pelo padrão, agora deverá fixar-se num só objetivo: ajudar seu aluno das camadas populares no domínio do dialeto de prestígio, para que ele se torne um sujeito ativo, crítico e questionador.

Para SOARES (1986: 79) "...é fundamental que a escola e os professores compreendam que ensinar por meio da língua e, principalmente, ensinar a língua são tarefas não só técnicas, mas também políticas", pois muitos problemas na educação e na escola não são problemas de educação ou da escola, mas uma evidência dos problemas sócio-político-econômicos. Na verdade, nossa escola é elitista, reprodutora da divisão social, mantenedora da estrutura de poder. Convém que o professor assuma realmente seu papel, que ensine as crianças das classes desprestigiadas, oferecendo-lhes o saber, despertando suas consciências, para que saibam defender seus direitos.

Em segundo lugar, o educador que pretende conseguir bons resultados no ensino-aprendizagem da língua precisa estar lingüisticamente bem preparado. Conhecimentos fonológicos, por exemplo, lhe servirão de base para compreender que a diferença fundamental entre a modalidade oral e a escrita da língua está no meio físico condutor da mensagem: os símbolos vocais e os símbolos gráficos; que numa transferência da mensagem oral para a escrita, os sinais sonoros não têm uma equivalência muito precisa, devido à não correspondência entre o número de fonemas e os grafemas, o que gera uma distância entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

Além disso, não ignorará que a mensagem oral situa emissor e receptor num mesmo contexto, e utiliza elementos como as entonações, as pausas, a rapidez de elocução, os acentos de intensidade, os gestos e a expressão facial, enquanto que a mensagem escrita não tem estas contribuições, embora faça uso da pontuação. Saberá que a diferença entre ambas é a variabilidade que a mensagem oral apresenta, pois a escrita mantém um caráter rígido, respeitando a imposição dos padrões sócio-culturais e as normas oficiais. Enfim, que a evolução da língua escrita é mais lenta do que a da falada.

Nesta perspectiva, os conhecimentos poderão auxiliá-lo na compreensão dos sons da fala, do ponto de vista de suas funções na língua; mostrar-lhe que existem regras segundo as quais a face fônica do ato da fala é ordenada; instrumentalizá-lo para compreender as relações entre os sistemas fonológico e ortográfico, para poder diagnosticar desvios na leitura e na escrita e ajudá-lo na elaboração de material de reeducação da linguagem das crianças.

Além desses conhecimentos, o professor precisará de outros "dons" para obter resultados

mais positivos. "Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte de seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé em sua capacidade de tornar este mundo melhor" (LEMLE, 1987: 6).

Finalizando, quando enfatizamos a necessidade de uma formação lingüística do professor de línguas, não pretendíamos dizer que ele deva ser um "expert", pois "Professores eficientes de língua materna não precisam ser lingüistas ou psicolingüistas. Mas devem ter um vasto conhecimento sobre funções e processos da linguagem." (GOODMAN; trad.). Lembrando também que "O saber da língua resulta num saber fazer o ensino da língua, e o saber fazer contém um saber amar, amar a língua nas suas variedades, e os usuários da língua com o seu saber nativo" (LEMLE, 1984: 85).

Bibliografia

GOODMAN, Kenneth S. *Aquisição da alfabetização é natural: Quem habilitou Cock Robim?* Trad. Equipe de Inglês de UFS, sob a orientação da Profa. Dinah Gadelha e revisão final da Profa. Sílvia L. Braggio.

LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo, Editora Ática, 1987.

_____. O que a lingüística tem a dizer ao alfabetizador. In: *Seminário multidisciplinar de Alfabetização*. Brasília, MEC-INEP, 1984.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. Caráter multidisciplinar do ensino de língua materna. *Revista Fac. de Educação*, São Paulo 10 (1):23-26, jan/jun. 1984.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola. Uma perspectiva social.* São Paulo, Ática, 1986.

*Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da UFU, Mestra em Educação, pela Universidade Federal de Goiás.